



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

PAULO RENAN FARIAS BATISTA

**A FUNCIONALIDADE DO ITEM LEXICAL “CONFIA” COMO FORMA NÃO  
CANÔNICA DE NEGAÇÃO NA REDE SOCIAL X**

ABAETETUBA-PA  
2025

PAULO RENAN FARIAS BATISTA

**A FUNCIONALIDADE DO ITEM LEXICAL “CONFIA” COMO FORMA NÃO  
CANÔNICA DE NEGAÇÃO NA REDE SOCIAL X**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

ABAETETUBA-PA  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

B333f Batista, Paulo Renan Farias.  
A funcionalidade do item lexical “confia” como forma não  
canônica de negação na rede social X / Paulo Renan Farias Batista.  
— 2025.  
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua  
Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Fenômeno da negação. 2. Faceta funcionalista. 3.  
Confia. 4. Interações discursivas. I. Título.

CDD 410

---

PAULO RENAN FARIAS BATISTA

**A FUNCIONALIDADE DO ITEM LEXICAL “CONFIA” COMO FORMA NÃO  
CANÔNICA DE NEGAÇÃO NA REDE SOCIAL X**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Orientador  
Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

---

Examinador(a) interno  
Prof. Dr. Robson Borges Rua – UFPA

---

Examinador(a) interno  
Prof. Dr. Robson Borges Rua – UFPA

Para meu avô,  
Raimundo Batista (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me concedido saúde, prudência e força para percorrer, em cada dia, meus objetivos, assim como para ultrapassar as indecisões desta caminhada. Sem a Sua presença e proteção, nada disso teria sido vivenciado.

Aos meus pais, Raimundo Reinaldo e Maria da Conceição, agradeço pelo amor, amparo e apoio incondicional oferecidos ao longo de toda a minha vida. Obrigado por sempre acreditarem em mim, incentivando-me a percorrer o caminho dos estudos. Manifesto, por meio deste texto, a minha eterna gratidão, por nunca medirem esforços para que eu continuasse firmemente nesta jornada. Vocês são os meus maiores exemplos de determinação e educação. Agradeço aos meus irmãos, Rafael e Ana Beatriz, pelo amor e companheirismo durante toda a minha vida. Eu sou verdadeiramente agradecido por vocês sempre acreditarem na realização dos meus objetivos. Agradeço aos demais membros da minha família, especialmente, às minhas primas, Ana Rosa, Ana Heloisa e Jaiane, por todo apoio e acolhimento no decorrer deste trajeto.

Agradeço ao meu grupo de amigos da universidade, nomeadamente “Nosso L”, composto por Aline, Beatriz, Delaila, Gabriely, Samily, Sheila, Samara, Leonardo e Ruan, por tantos momentos compartilhados nessa trajetória. Em especial, expresso minha gratidão às minhas amigas, Aline e Beatriz, pois juntos percorremos itinerários exultantes e desafiantes. Minhas amigas, obrigado pela amizade e cumplicidade no decurso de muitas manhãs, tardes e noites de estudo. A amizade de vocês tornou este percurso mais leve e me lembrou que os grandes impasses se tornam menores quando partilhados.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Robson Rua, exteriorizo minha sincera gratidão pela orientação e confiança no meu potencial. Professor, a sua dedicação e exemplo como educador transcendem a sala de aula, inspirando não apenas a mim, mas aos demais alunos, a perseguirem seus sonhos com dedicação, responsabilidade e coragem.

Por fim, a cada um que, de alguma forma, esteve ao meu lado e contribuiu para a concretização deste trabalho, externalizo meu profundo reconhecimento e gratidão. Obrigado por cada palavra de incentivo e cada demonstração de apoio.

## RESUMO

O presente trabalho realiza uma discussão a respeito do fenômeno da negação, sobretudo no que se refere ao item “confia”, o qual, a depender do contexto e da intenção comunicativa, assume valor de negação, tendo em vista que tal recurso não se restringe apenas aos advérbios considerados canônicos no português brasileiro. Objetiva-se analisar e discutir o papel da unidade “confia” como forma de negação não canônica em interações discursivas na rede social X. A pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que a análise e interpretação dos dados coletados configuram-se como aspectos fundamentais para a construção de significados. Como constructo teórico utiliza-se autores, como Givón (1995), Martelotta e Areas (2003), Bybee (2010), Rosário (2022) e Oliveira (2020), que investigam a língua a partir de uma faceta funcionalista, em que tal organismo é maleável e motivado e, por isso, sofre alterações de acordo com as intenções e necessidades de cada falante. Nessa lógica, este artigo justifica-se pela pretensão de compreender como termos linguísticos, os quais apresentam estado de negação, por intermédio de atos expressivos comunicativos, alteram-se à vista de uma demanda linguística. Dessa forma, é mister pontuar que a língua não se constitui como um sistema engessado e autônomo, posto que os falantes são altamente expressivos e, por esse motivo, ao recrutarem e reciclarem formas já estabelecidas, modificam tal estrutura em função de seus objetivos discursivos, fato que demonstra a essencialidade entre língua e comunicação.

**Palavras-chave:** Fenômeno da negação. Faceta funcionalista. Confia. Interações discursivas.

## ABSTRACT

This paper discusses the phenomenon of negation, especially with regard to the item “confia”, which, depending on the context and communicative intention, takes on a negative value, given that this resource is not restricted to adverbs considered canonical in Brazilian Portuguese. The objective is to analyze and discuss the role of the unit “confia” as a form of non-canonical negation in discursive interactions on social network X. The research is qualitative in nature, since the analysis and interpretation of the collected data are fundamental aspects for the construction of meanings. The theoretical construct draws on authors such as Givón (1995), Martelotta and Areas (2003), Bybee (2010), Rosário (2022), and Oliveira (2020), who investigate language from a functionalist perspective, in which language is malleable and motivated and, therefore undergoes changes according to the intentions and needs of each speaker. In this logic, this article is justified by the intention to understand how linguistic terms, which present a state of negation, through expressive communicative acts, change in view of a linguistic demand. Thus, it is necessary to point out that language is not a rigid and autonomous system, since speakers are highly expressive and, for this reason, when they recruit and recycle already established forms, they modify this structure according to their discursive objectives, a fact that demonstrates the essentiality between language and communication.

**Keywords:** Phenomenon of negation. Functionalist perspective. Confia. Discursive interactions.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. O DOMÍNIO FUNCIONAL DA NEGAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>3. ARCABOUÇO TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>17</b>
<b>5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS.....</b>	<b>19</b>
<b>5.1. A motivação da forma.....</b>	<b>19</b>
<b>5.2. Confia: resignificação na língua em uso.....</b>	<b>21</b>
<b>5.3. Recrutando termos já existentes na língua.....</b>	<b>22</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

É imprescindível destacar que a linguagem, sob uma perspectiva funcional, ultrapassa as limitações de uma estrutura gramatical rígida e autônoma, uma vez que as atitudes linguísticas estão intrinsecamente atreladas ao desempenho expressivo e interativo de cada falante, principalmente, quanto a sua necessidade comunicativa, o que possibilita transformações e ressignificações linguísticas. Isso ocorre porque a língua em uso é motivada por aspectos sociocomunicativos, os quais se manifestam como estratégias discursivas e culturais.

Nesse prisma, entende-se que a língua é dinâmica e atende às intenções expressivas e às interações comunicativas, especificamente no que diz respeito a negar algo. Assim, é notório que muitos mecanismos linguísticos, sobretudo os que apresentam estado de negação, assumem condições não canônicas em atos discursivos, demonstrando que a estrutura linguística é um organismo vivo e maleável, pois procede do funcionamento comunicativo.

Nesse sentido, é essencial salientar que esse estudo tende a analisar e a demonstrar como as interações e as necessidades comunicativas que compõem o constituinte lexical “confia”, em atos discursivos, especialmente no meio virtual X, operam como elementos fundamentais para a construção de sentidos que excedem o cânone brasileiro, especialmente de negação.

Sob essa ótica, busca-se compreender de que forma a relação dos aspectos linguísticos e não linguísticos, em uma dada língua, como o português brasileiro, corrobora, em uma situação comunicativa, a habilidade de compreensão e de comunicação do falante no que se refere às adaptações e às modificações da língua, em especial no que concerne ao componente lexical “confia” como forma de recusa e de contradição.

Nesse panorama, pretende-se explicitar que a unidade lexical “confia”, em circunstâncias comunicativas, assume um papel importante na promoção de um eficaz entendimento da mensagem, assim como na efetivação em suprir uma necessidade discursiva, principalmente àquelas que se constituem de medida negativa/opositiva. Logo, é perceptível que o “confia”, através da funcionalidade da língua, é uma ferramenta lexical que opera como um agente essencial para as alterações linguísticas, ou seja, torna-se uma peculiaridade da língua quanto à pretensão de cada relação discursiva.

Assim sendo, pontua-se que os debates que legitimam essa pesquisa surgem da premissa funcional da linguagem, em que se busca analisar e categorizar a língua por intermédio de uma funcionalidade aplicada no uso, isto é, tal organismo sofre pressões em detrimento de interações e propósitos comunicativos, o que implica em mutações linguísticas.

Com base nisso, o presente artigo divide-se no total de cinco seções. Nessa perspectiva, a primeira seção destina-se à apresentação e à descrição do item lexical “confia” como forma de negação não canônica em interações discursivas na rede social X, tendo em vista que muitos indivíduos reduzem a sua composicionalidade original em virtude de uma demanda comunicativa, distanciando-se, assim, do tradicionalismo da língua. A segunda seção corresponde às discussões teóricas associadas ao paradigma funcionalista, o qual explica que a maleabilidade da língua tem relação com fatores externos, como a motivação e iconicidade linguística.

Nessa ótica, a terceira seção diz respeito aos procedimentos metodológicos, em que foi realizada uma coleta e categorização de dados correspondentes ao componente “confia” como fenômeno de negação não canônico na língua. A quarta seção equivale à análise dos dados coletados, haja vista que discute o modo como o item “confia” se relaciona em situações comunicativas na rede social X, bem como a maneira que tal unidade atravessa as formas tradicionais da língua. Por fim, a quinta seção refere-se às considerações finais em relação ao objeto de análise desta pesquisa.

## **2. O DOMÍNIO FUNCIONAL DA NEGAÇÃO**

O funcionalismo linguístico, de acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), visa demonstrar que a linguagem ultrapassa a organização gramatical à medida que determinada estrutura não é rígida, uma vez que, ao se constituir como uma ferramenta de interação social e comunicativa, é motivada pelas circunstâncias discursivas. Diante desse cenário, significa dizer que a linguística funcional “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003, p. 29).

Com base nisso, é evidente que a linguagem, a partir de um fundamento funcionalista, se configura como uma atividade que decorre das situações conversacionais de comunicação, as quais, mediante à interatividade do uso da língua, modelam e modificam a estrutura em detrimento de uma motivação discursiva. Assim, nota-se que o organismo linguístico está subordinado a essa motivação discursiva, em que o ser humano necessita para satisfazer sua expressividade.

Nesse caso, utiliza de elementos da língua para causar uma compreensão e interpretação significativa entre o emissor e o receptor, ocasionando, deste modo, uma alteração na estrutura gramatical. Diante desse pressuposto, observa-se que a estrutura linguística, atrelada à

interdependência dos domínios sintáticos, semânticos e pragmáticos, é subjacente, sobretudo à experiência e à intenção comunicativa, as quais indicam que as propriedades linguísticas se baseiam nas nuances da língua, ou seja, na ênfase almejada pelo falante.

Tal fator se materializa em decorrência do princípio de iconicidade, o qual corresponde a “correlação natural entre forma e função, entre código linguístico (expressão) e seu designatum (conteúdo)” (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003, p. 29). Logo, pontua-se que os falantes, a partir de seus interesses discursivos, utilizam de fatos icônicos da língua ao passo que necessitam enfatizar tais eventualidades discursivas, fato que representa a relação entre organismo linguístico e funcionalidade linguística.

Baseando-se na ideia de que o uso da língua atua como um mecanismo que motiva a estrutura gramatical, pode-se pontuar que o percurso entre discurso e gramática é unidirecional, haja vista que os elementos gramaticais são alterados em consequência da intencionalidade do discurso, o que implica dizer que tais vertentes apresentam uma correlação no que toca às peculiaridades da língua.

Isso posto, evidencia-se que os componentes linguísticos, os quais estão sujeitos às ocorrências icônicas e às interações comunicativas, perpassam por alterações que derivam das pretensões da língua, que desempenham um papel essencial quanto à construção do sentido e à organização do discurso, de modo a promover o “máximo de economia comunicativa e o máximo de rentabilidade sistemática” (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003, p. 50), fatores basilares para atender a expressividade do falante.

À vista disso, no que diz respeito à funcionalidade da linguagem, é fulcral salientar que o domínio da negação se manifesta como um elemento imperioso para a estruturação do discurso, na medida em que, além de se caracterizar como um mecanismo gramatical, reflete a interação social e as condições discursivas e icônicas. Nessa perspectiva, depreende-se que as formas de negação, ao possibilitar que o falante, por exemplo, recuse ou contrarie uma proposição, atravessam as formações canônicas do português. Desta maneira, Ferrarezi Jr. (2008) enfatiza que:

A negação, nas línguas naturais, vai muito além da utilização de advérbios de negação como “não”, “nunca” e “jamais”. Existem formas de negar mais sutis ou mais grosseiras, utilizadas em situações sociais diferentes, que se prestam a diferentes propósitos. (Ferrarezi Jr, 2008, p. 185).

Em vista disso, enfatiza-se que, devido à sua complexidade, os mecanismos de negação não se limitam à utilização dos advérbios de negação, pois muitas pessoas dispõem de outros

recursos e de outras habilidades, as quais são mais expressivas, para negar, em acontecimentos comunicativos, estipulado caso, o que influencia na dinâmica da interação discursiva.

Desta forma, vê-se que a negação não é um ato isolado, visto que, ao fazer parte de uma organização ampla de significação, se efetiva a partir da relação com o interlocutor, no que diz respeito à intencionalidade e à situação sociocomunicativa. Nessa lógica, percebe-se que, de acordo com Neves (2000), a negação se define como um fenômeno que, ao percorrer o nível sintático e semântico-pragmático, é sucedido da influência, da interpretação e da comunicação linguística.

Adicionalmente, vale-se ressaltar, conforme Ferrarezi Jr. (2008), que o domínio da negação, nas línguas naturais, ultrapassa a tradicionalidade da linguagem, como os advérbios canônicos, à proporção que os indivíduos recorrem a outros meios linguísticos, a exemplo de fragmentos de palavras, de pronomes, de afirmações, de exageros e, especificamente de ironia, com o objetivo de expressar distintos significados e propósitos de negação, em divergentes espaços discursivos. Sob essa visão, enfatiza-se que, por exemplo, a ironia é:

uma forma de deixar subentender a negação. É comum no relacionamento social, que as pessoas utilizem de ironia para negar algo que foi afirmado sobre elas ou mesmo para contradizer simples afirmações dos outros. Também, é comum que a ironia seja utilizada como forma de resposta negativa a um pedido. (Ferrarezi Jr, 2008, p. 188).

Nesse prisma, é perceptível que as maneiras irônicas de contradizer se entrelaçam com a concepção funcionalista da linguagem, posto que o grau de relacionamento entre os falantes e as situações sociocomunicativas tendem a enriquecer a compreensão e a interpretação entre os cidadãos, de modo que tais formas podem ser entendidas como grosseiras e provocativas, ou aceitas numa boa. Diante disso, pode-se perceber que o ato de negar, a depender da conjuntura discursiva, assume diferentes formas e significados, aspectos que alteram e modelam a estrutura linguística.

Neste panorama, pode-se destacar que o item lexical “confia” é um exemplo determinante de negação não canônica do português brasileiro. Tal unidade lexical, normalmente, é utilizada em situações discursivas informais, principalmente em interações sociocomunicativas na rede social X, nas quais os falantes utilizam, neste caso, os mais jovens, para negar, ironicamente, algo que foi afirmado ou para contrariar questionamentos, isto é, para recusar um pedido. Destarte, essas características, no que concerne à negação, sobretudo na forma “confia”, podem ser analisadas, concretamente, no exemplo a seguir:

## Dado 01 – Apresentação do objeto da pesquisa



Fonte: X (2025)

Nesse contexto, com base no exemplo apresentado acima, salienta-se que a forma “confia” é utilizada, de forma irônica, para negar um acontecimento, bem como uma afirmação. Fundamentado a isso, observa-se que a compreensão da sentença se dá a partir do grau de relação entre os interlocutores, da intencionalidade do emissor na interação proferida e do grau de conhecimento acerca do requerido *post*.

Além disso, é notável que o constituinte “confia”, nesta circunstância, em termos de construção sintática, admite uma correlação semântico-pragmática que retira a composição do verbo “confiar” para corresponder a negação, tendo em vista que o falante, através da intenção discursiva, recicla, modela e adapta termos, como o “confia”, para negar. Dessarte, nota-se que, a depender do contexto e da demanda comunicativa, o sujeito recruta distintos meios, inclusive, formas “recicladas”, para se expressar, o que faz com que a língua possua flexibilidade e adaptabilidade.

### 3. ARCABOUÇO TEÓRICO

Outrora, aproximadamente, no século XX, eclodiu a Linguagem Funcionalista, uma nova corrente de pesquisa em fenômenos linguísticos que visa estudar a língua a partir do uso, em situações diversas de comunicação. Com base nisso, o Funcionalismo tende a estabelecer a língua como uma ferramenta de comunicação, a qual não se configura como um objeto autônomo, já que, devido às pressões oriundas dos diversos contextos discursivos, sofre transformações linguísticas, fato que a caracteriza como uma estrutura maleável.

Logo, o fenômeno da mudança linguística, postulado por Martelotta e Areas (2003), no intitulado livro “Linguística Funcional: teoria e prática”, é entendido mediante aos fatores de natureza cognitiva e conversacional que atuam sobre os mecanismos linguísticos, o que leva os seus valores a serem modificados.

Sob essa perspectiva, no que diz respeito às mutações linguísticas, sobretudo aos processamentos de negação, Neves (1997 *apud* Martelotta; Areas, 2003), por intermédio da funcionalidade da língua, afirmam que as alterações e adaptações da língua têm relação com o propósito discursivo dos falantes ao se comunicarem através de expressões linguísticas. Dessa forma, observa-se que a estrutura linguística é comumente modificada, uma vez que os sujeitos, ao tentarem suprir uma necessidade discursiva, utilizam, alteram e reproduzem proposições em razão de satisfazer a sua expressividade.

Nesse viés, baseado na concepção funcionalista, Martelotta e Areas (2003) associam a linguística funcional a linguística cognitiva, em que os enunciados assumem os seus significados a partir do contexto de uso do falante, o que ocasiona a concretização de que as noções linguísticas sucedem de circunstâncias comunicativas criadas de forma cultural. Nesse contexto, o sistema linguístico, no que tange à sintaxe como estrutura maleável, está sujeito a sofrer influência de mecanismos semânticos que operam no cérebro do indivíduo durante as situações de comunicação (Martelotta; Areas, 2003).

Acerca dessa lógica, Thompson e Hopper (1980) e Givón (1995) reiteram que as alterações e adaptações da estrutura linguística se baseiam mediante ao uso dos falantes em determinadas demandas discursivas, isto é, as modificações da língua, no que respeita ao seu estudo, surgem da conjuntura linguística e da situação extralinguística em que as pessoas estão subordinadas (*apud* Martelotta; Areas, 2003). Desse modo, as variações linguísticas resultam das estratégias comunicativas que os indivíduos empregam durante as interações discursivas.

Partindo desse pressuposto, Martelotta e Areas (2003), alicerçados às concepções funcionalistas, ratificam que o uso da língua está comumente assente à existência de recursos que advêm de reflexos de um processo funcional da língua, o qual designa a criação de novos rótulos para novos referentes. Dessa maneira, Martelotta e Areas (2003) pontuam que o uso da língua, em situações comunicativas, tem relação com a difusão de elementos linguísticos no momento discursivo, em que:

para criar novos rótulos, o falante não inventa arbitrariamente sequências novas de sons, mas tende fortemente a utilizar material já existente na língua, estendendo o sentido de palavras, no que Ullmann (1977) chama motivação semântica (pé da mesa, coração da cidade). (Martelotta; Areas, 2003, p. 25).

Neste prisma, as alterações linguísticas, difundidas do uso de novos rótulos, estão atreladas aos fatores comunicativos e cognitivos dos falantes, os quais operam no momento efetivo da comunicação dos falantes, de modo a refletir as competências e o desempenho que o cérebro humano possui para armazenar e transmitir informações, as quais resultam, de acordo com Martelotta e Areas (2003), do uso linguístico.

A partir dessa perspectiva, Rosário (2022) reitera que, por um olhar funcionalista, a estrutura linguística é maleável, ou seja, constitui-se como uma organização plástica, a qual perpassa por aspectos linguísticos e extralinguísticos que influenciam nas alterações linguísticas, ocasionando uma determinada coerção semântico-pragmática sobre a língua. Assim, observa-se que a variabilidade linguística se refere às “modificações flagradas nas línguas que podem ser explicadas em função das novas necessidades comunicativas percebidas pelos falantes em seus contextos de uso” (Rosário, 2022, p. 36).

Sob essa ótica, cabe elencar que no paradigma funcionalista há uma relação indissociável entre discurso e gramática, dado que esses elementos tendem a atuar, mutuamente, de maneira semântico-pragmática, um sobre o outro. Nesse ínterim, isso significa dizer que a língua e a fala são indivisíveis, tendo em vista que a intencionalidade do falante, no que concerne ao uso da língua em cenários discursivos, impacta o sistema e, com isso, modela a estrutura linguística.

Desta forma, em especial, no que tange ao paradigma funcional da linguagem, em que a organização linguística se constitui como um meio modelável, Oliveira (2022) afirma que a maleabilidade da língua se dispõe de mecanismos gramaticais e lexicais. Isto significa dizer que a mudança linguística está alicerçada às marcas comuns e distintas de gramaticalização e lexicalização. Sendo assim, é notável que a língua em uso, no que respeita às interações linguísticas, exerce coerção e continuidade em relação a criação de novos organismos da gramática e do léxico.

Nessa ótica, Oliveira (2022), em circunstâncias mais características a respeito da gramaticalização, diz que a pragmática é um fragmento constituinte da gramática, a qual considera que os elementos que operam em um panorama pragmático são decorrentes do uso linguístico que está intrinsecamente associado à variação linguística. Nesse sentido, a gramaticalização, como perspectiva funcionalista, é: “observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas” (Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p. 68 *apud* Oliveira, 2022).

Sob esse prisma, a gramaticalização demonstra que a dinamicidade das alterações linguísticas sucede da inter-relação entre uso, contexto e estrutura, caracterizando a passagem

de formas lexicais para formas gramaticais. Nessa lógica, Oliveira (2022) sinaliza que, ao estudar a gramaticalização, as perspectivas diacrônica e sincrônica são indissociáveis, haja vista que a gradualidade linguística e a gradiência dos usos permitem uma compreensão mais significativa no que se refere às transformações da língua, as quais apresentam determinadas regularidades que resultam do uso linguístico, em interações discursivas.

Neste caso, Oliveira (2022) salienta que a ótica funcionalista tende a instruir e a explicar as regularidades que a língua apresenta em razão das condições discursivas, as quais são subjacentes à interatividade do uso. Assim sendo, em conformidade com Oliveira (2022), é possível ressaltar que a gramática sofre influência das situações comunicativas, visto que os usos linguísticos, consequentes das interações sociais, contribuem para tal motivação e satisfação.

Nesse panorama, pode-se observar que a configuração linguística tem relação com a “metáfora das dunas”, em que Bybee (2010) pontua que a estrutura gramatical, assim como o “monte de areia”, atravessa processos discursivos nos quais os falantes, ao tentarem suprir uma demanda comunicativa, utilizam, alteram e reproduzem proposições enunciativas em razão de satisfazer a sua expressividade. Sob esse viés, é notório que o sistema linguístico é flexível a sofrer pressões externas, posto que o dinamismo e a gradualidade do uso da língua motivam a mudança linguística, de modo a atender as necessidades dos falantes no que respeita às interações comunicativas.

Ademais, convém elencar que as interações de uso, sobretudo a respeito das formas de negação que ultrapassam o viés canônico da língua, estão entrelaçadas com o princípio de composicionalidade, o qual, segundo Bispo, Silva e Souza (2021), por intermédio da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), remete ao grau de transparência entre forma e significado. Então, observa-se que determinada forma sintática, com relação à convergência, concede a inferência de um significado do todo, de forma que o significado de uma construção pode ser inferido com base no significado das partes constituintes, isto é:

A composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre o polo da forma e o da função [...]. Nessa direção, o grau de composicionalidade de uma construção se define na medida em que o significado de suas partes, representado na codificação formal, fornece pistas para o significado do todo. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 197 *apud* Bispo; Silva; Souza, 2021).

Baseado a isso, evidencia-se que o processo de composicionalidade influencia e motiva a estrutura e o significado das construções linguísticas, principalmente quanto às situações

conversacionais de comunicação. Além disso, é fulcral inferir que, a partir das interações discursivas, nas quais o falante, por exemplo, reduz a composicionalidade original em detrimento de uma demanda de negação, a construção linguística, quando não apresenta grau de transparência entre forma e significado, estabelece uma assimetria em que o significado do todo não pode ser inferido a partir de suas partes componentes, fato que caracteriza a perda de composicionalidade.

Sob essa lógica, conforme Bispo, Silva e Souza (2021), a perda de composicionalidade também se configura como um processo gradual, o qual acontece ao longo do tempo, já que as construções linguísticas se tornam mais consecutivas e se instituem como padrões na língua. Em outras palavras, é evidente a ocorrência de uma reorganização do mecanismo sintático e semântico da estrutura linguística, o que ocasiona a perda de transparência entre forma e significado.

Outrossim, em condições mais específicas, pode-se perceber que os contextos discursivos, os quais, mediante a uma demanda comunicativa, se ajustam com relação a suprir a expressividade do falante, especialmente no que toca à atitude de negação. Com base nisso, Oliveira (2020) explicita que os falantes, em interações de comunicação, tomam palavras e/ou expressões já existentes na língua, com sentido básico e original, e as atribuem novos significados, ou seja, os indivíduos “reciclam” e adaptam termos já disponíveis e de uso geral para usá-los com novos sentidos e em diversos contextos comunicativos.

Diante disso, Oliveira (2020) demonstra que a reciclagem da linguagem atravessa por um percurso que parte do que é mais concreto para o que é abstrato. Para exemplificar isso, Oliveira (2020, p. 1) elucida que “é muito comum, nas diversas línguas, o recrutamento de nomes relativos às partes do corpo humano para a referência a objetos, atividades, locais, qualidades, marcos temporais e mesmo relações textuais”. Assim, entende-se que os falantes, ao reciclarem e ao recrutarem formas já existentes na língua, as quais concorrem de uma abstração e subjetividade, criam novos usos no léxico e na gramática com o intuito de satisfazer uma necessidade comunicativa.

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Em conformidade com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa científica é determinada como um processo racional e sistemático, o qual tem como objetivo promover possíveis respostas às questões que são sugeridas. Isso significa dizer que, conseqüentemente, a pesquisa

se desenvolve por intermédio de diversas fases, sendo a investigação bibliográfica e a apresentação e discussão dos dados coletados pontos essenciais para a sua materialização.

Diante disso, é imprescindível destacar que este estudo tende a analisar e a demonstrar como o item “confia” opera em atos discursivos de negação, considerando as interações e as necessidades do falante. Sob esse panorama, na análise desenvolvida, de início, realizou-se um levantamento de dados, sobretudo na rede social X, da forma “confia” como fenômeno de negação não canônico, tendo em vista o papel fundamental que assume nas interações comunicativas.

Nesse prisma, vê-se a relevância da plataforma X para o desenvolvimento desta pesquisa, posto que, frequentemente, muitos indivíduos utilizam tal espaço por diversas razões, tais como a interação e conexão com outras pessoas em tempo real e o compartilhamento de opiniões sobre diversos assuntos e temas.

Além disso, destaca-se que os dados levantados se enquadram em contextos discursivos distintos, com a finalidade de recrutar as informações que indicavam o constituinte “confia” como um mecanismo de negação em diferentes esferas, como a cultural, a humorística, a política e a esportiva. Sob essa perspectiva, a coleta dos dados teve início no dia 03 de março de 2025 e fim em 25 de junho do mesmo ano.

Nesse contexto, foram recrutados, no total, 14 *tweets*/ocorrências do item “confia”, os quais estabelecem o domínio de negação em razão da intencionalidade discursiva do falante. Diante desse cenário, outrossim, foi realizada uma investigação bibliográfica no que diz respeito aos estudos da língua a partir de uma perspectiva funcional, com o intuito de corroborar as impressões a respeito dos aspectos linguísticos que motivam as alterações da língua.

Nesse viés, é importante destacar que o levantamento bibliográfico surge do estudo de renomados autores que investigam os acontecimentos da língua a partir de um pressuposto linguístico funcional. Sob essa ótica, além de tais contribuições teóricas, foram utilizadas algumas produções acadêmicas, como artigos e monografias de conclusão de curso, as quais desenvolvem discussões a respeito de formas lexicais em uso, ou seja, mediante à funcionalidade da língua, a estrutura linguística sofre pressões em decorrência de um propósito comunicativo, o que implica em modificações linguísticas.

Tal fator, então, categoriza este estudo como qualitativo, uma vez que, segundo Brasileiro (2024), a pesquisa qualitativa configura-se por intermédio da análise e da interpretação crítica de fenômenos ao longo da investigação, levando em consideração os processamentos e suas dinâmicas para a construção de sentidos. Nessa ótica, ao fazer um paralelo com o que foi proposto pela autora, este trabalho visa analisar, de forma crítica, de que

forma o “confia”, utilizado em interações informais de comunicação, como na rede social X, efetua-se como atividade linguística de negação.

Então, ao observar os estudos associados às mudanças linguísticas, mediante, sobretudo, à funcionalidade da língua, ratifica-se que a motivação para a escolha no que concerne ao estudo do item lexical “confia”, como forma não canônica de negação, na rede social X, surge de um interesse pessoal – difundido na disciplina de Semântica e Pragmática – do qual se pretende compreender como construções linguísticas – essencialmente as que apresentam grau negativo e opositivo – modificam-se, por meio de atitudes comunicativas, especialmente o significado, em virtude de uma motivação discursiva.

## **5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS**

Nesta seção, observar-se-á os respectivos dados reunidos, os quais foram retirados da rede social X, considerando o estimado referencial teórico nesta pesquisa. Nesse contexto, foram observados e analisados 03 (três) exemplos de negação não canônica que utilizam o item lexical “confia”.

Nesse panorama, é fulcral pontuar que a forma “confia”, como objeto de análise deste trabalho, é, em grande parte, principalmente no que tange aos contextos conversacionais, recrutado, reciclado e ressignificado para constituir sentido negativo e/ou opositivo, ou seja, de negação. Destarte, com o fito de oferecer propriedade para essa pesquisa, será realizada, abaixo, a análise e a discussão, respectivamente, de tais dados.

### **5.1. A motivação da forma**

Ao considerar que os paradigmas funcionalistas pressupõem que toda e qualquer estrutura gramatical é motivada, sobretudo no que toca às concepções de Givón (1995), depreende-se que uma das premissas linguísticas é que a forma sucede à motivação. Isso significa que, a depender do uso e do contexto sociocomunicativo, o qual, em muitos casos, se estabelece em um espaço informal, a língua, como um organismo vivo, é motivada devido a sua interação com o meio linguístico. Logo, analisar-se-á, nesta seção, o dado lexical “confia”, o qual é motivado em razão do uso, fato que dispõe o sentido de negar algo.

## Dado 02 – Post na rede social X



Fonte: X (2025)

Sob a perspectiva funcionalista, a imagem acima, a qual foi coletada da plataforma virtual X, tem relação com o período de transmissão do programa televisivo “Big Brother Brasil”, o qual, quando transmitido, gerou diversas discussões e o surgimento de várias torcidas. Nesse contexto, o engajamento de parte da população, quanto à presença de torcidas, principalmente na internet, possibilitou, por exemplo, o recrutamento de vários mecanismos já existentes na língua, como o “confia”, a fim de gerar e de proporcionar *memes* a respeito do programa.

Com base nisso, pode-se observar que a forma “confia”, destacada no dado em questão, corresponde à função de negação, uma vez que o falante, nessa situação, utilizou esse item, de maneira irônica, para negar determinado acontecimento, ou seja, o falante, usuário da rede social X, por intermédio da ironia, alegou que as informações, reveladas pela participante citada no post, fossem verídicas.

Diante disso, ao levar em consideração que a língua é uma estrutura maleável e não rígida, compreende-se que o recrutamento e o uso do “confia”, nesta circunstância, surge da motivação e da iconicidade estabelecidos no discurso, posto que o falante, nesse caso, segundo Givón (1995), reutilizou material já existente na língua em virtude de um propósito comunicativo, ou seja, a intencionalidade do indivíduo, na postagem, diz respeito a sua experiência sociocomunicativa, a qual, devido a sua motivação semântica e morfológica, atribui ao “confia” um sentido diferente do original, neste caso, o sentido de negar algo.

Sendo assim, a atitude de negação, no *post*, promove a maleabilidade da língua, tendo em vista que o “confia” perde o seu significado original em detrimento da dinâmica real de comunicação, a qual, por conta da intenção discursiva, altera o organismo linguístico. Deste modo, tal como é postulado por Bybee (2010), a estrutura da língua é semelhante as “dunas de areia”, haja vista que é maleável e flexível no que tange à utilização e à reprodução de convenções comunicativas com relação a atender a expressividade do falante.

## 5.2. Confia: resignificação na língua em uso

Etimologicamente, a palavra “confiança” deriva do termo latino “*confidere*”, o qual significa “acreditar plenamente”, em outros termos, corresponde à ação individual de acreditar com convicção em algo. Nessa ótica, entende-se que o substantivo supracitado procede o verbo *confiar*, o qual indica ideia de “crer ou acreditar na verdade das palavras de alguém”. A partir disso, em contrapartida, quando o verbo “confiar” é empregado em diferentes conjunturas comunicativas, pode-se perceber que o “confia”, ao decorrer da motivação e da intenção do falante, assume outra característica. Assim, pode-se compreender que ocorreu uma perda de composicionalidade, já que o verbo “confiar” manifesta outro valor semântico, que é o de negar.

Dado 03 – Post na rede social X



Fonte: X (2025)

O dado acima, o qual foi retirado da rede social X, diz respeito a uma notícia que envolve a equipe da atriz brasileira Maisa Silva, a qual supostamente exigia a redução do papel da personagem “Duda” em uma produção audiovisual. Todavia, a justificativa, no post, para essa afirmação é exageradamente superficial, dado que o comentário visivelmente se resume ao “achismo” do usuário, visto que, em uma resposta anterior, ele diz “eu acho”. Tal comentário, por não apresentar qualquer confirmação ou fonte confiável para a notícia, resulta na reação irônica de outro usuário, haja vista a ausência de base concreta para afirmação feita anteriormente.

À vista disso, é possível observar que, para alcançar o seu objetivo, que é o de ironizar a notícia, o interlocutor se utiliza do item “confia” para se expressar. Sob esse prisma, tal constituinte lexical, devido à conjuntura conversacional na qual está inserido, assume valor de negação e de oposição, pois o falante, nessa situação, contradiz, através de uma afirmação irônica, como o “confia”, o suposto noticiado, ressignificando o sentido do verbo “confiar”. Isso acontece porque, na maioria das vezes, os falantes, conforme Martelotta e Areas (2003), em decorrência da finalidade e do contexto comunicativo, ressignificam mecanismos linguísticos já existentes.

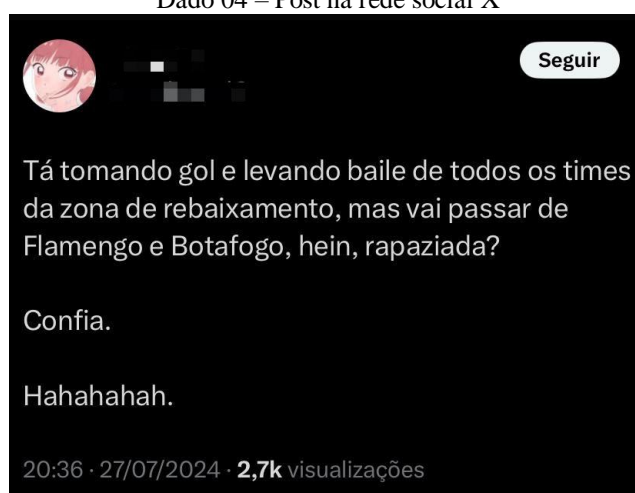
Nesse ínterim, vê-se que a língua é influenciada pela dinâmica e pela flexibilidade linguística, posto que ela se adapta aos mais distintos cenários e circunstâncias, em função de um objetivo discursivo. Assim sendo, ao levar em conta o exemplo apresentado, pode-se notar que o usuário, em razão da sua disposição comunicativa, ressignificou a definição do “confia”, à medida que a sua composicionalidade foi reduzida. Então, entende-se que o item “confia”, devido ao contexto empregado, perde a sua composicionalidade original, dado que o seu significado é modificado.

Logo, ratifica-se o que é proposto por Bispo, Silva e Souza (2021), uma vez que, por exemplo, o sentido original do “confia” é diluído em função de um novo significado, ou seja, a necessidade comunicativa do interlocutor interfere em determinadas construções linguísticas, de modo a indicar que o sentido não é completamente composicional. Dessa maneira, é notório que a perda de composicionalidade, sobretudo do “confia”, é uma consequência natural da dinâmica da língua, tendo em vista que os falantes processam, ressignificam e reproduzem formas linguísticas ao passo de um propósito comunicativo.

### **5.3. Recrutando termos já existentes na língua**

Consoante com as premissas de Oliveira (2020), vale elencar que a “reciclagem”, sob uma concepção funcionalista da linguagem, refere-se a um processo em que palavras já existentes na língua, com suas noções básicas e originais, são recrutadas e reutilizadas para expressar novos sentidos em diferentes contextos, tendo em vista a perda de composição original em decorrência de uma disposição discursiva. Nessa ótica, compreende-se que a reciclagem linguística se ajusta à necessidade comunicativa do falante, haja vista que ele recicla e reutiliza termos já estabelecidos, de modo a atribuir novos sentidos para cada nuance linguística.

Dado 04 – Post na rede social X



Fonte: X (2025)

O exemplo acima, o qual, provavelmente, se refere ao período do campeonato brasileiro – Brasileirão Série A – reflete a frustração com um time de futebol que não apresenta um bom desempenho com relação aos outros times, especialmente contra as equipes da parte inferior da tabela – zona de rebaixamento. Por conseguinte, o autor do *tweet* considera, ironicamente, improvável que esse time consiga superar clubes de elite como o Flamengo e o Botafogo, já que, historicamente, esses dois clubes disputam pelas primeiras posições.

Sendo assim, ao utilizar o “confia” no *tweet*, observa-se que o usuário ironiza a expectativa de que tal time, apesar das derrotas, consiga vencer, consideravelmente, adversários fortes, isto é, o autor da postagem, ao reciclar e ao reutilizar o “confia” em um contexto conversacional, negou, de maneira irônica, o êxito de tal time com respeito aos times “fortes”. Nesse sentido, nota-se que o item lexical “confia”, neste caso, foi recrutado, reciclado e reutilizado para satisfazer uma demanda sociocomunicativa, fato que evidencia que a motivação do *meme* reduziu a composicionalidade original em detrimento da economia/reciclagem da linguagem.

Sob essa lógica, pode-se pontuar que, nesta circunstância, o “confia”, no que concerne ao verbo “confiar”, perdeu a sua composicionalidade, a qual corresponde aos significados de “crer” e “acreditar”, em razão de um novo sentido, que é o de negação. Dessa forma, ao ser inserido em outro contexto, depreende-se que o “confia” foi reciclado e ressignificado com o intuito de corresponder a uma necessidade discursiva – a de negar algo. Dessarte, evidencia-se que, segundo Rosário (2022), a língua é um organismo maleável e não enrijecido, uma vez que o falante adapta e recicla formas já existentes à vista da sua motivação sociocomunicativa.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo objetivou, de forma geral, compreender e discutir, por meio da análise da forma “confia”, como esse item lexical opera em contextos sociocomunicativos de negação. Isso significa que o “confia” estabelece relações sociais e discursivas que, singularmente, representam horizontes que atravessam a tradicionalidade canônica de negação, principalmente em espaços com alto nível de interatividade comunicativa, como a rede social X. Dessa maneira, evidenciou-se que o “confia” é utilizado de modo irônico por muitos falantes para negar/contradizer afirmações, por exemplo.

Nesse viés, verificou-se que o “confia” perpassa por diversos processamentos que modificam a sua composicionalidade literal. Nesse contexto, observou-se que o recrutamento e a utilização do “confia”, como recurso de negação não canônico, sucede, a princípio, à motivação sociocomunicativa, uma vez que muitos sujeitos ressignificam elementos já existentes na língua em decorrência de necessidades discursivas.

Em seguida, analisou-se que essa unidade lexical perde sua composicionalidade original, que é de “acreditar”, em função de outro significado semântico, em outras palavras, adota valor de negação/contradição decorrente do uso expressivo dos falantes. Posteriormente, examinou-se que a forma “confia”, como ferramenta comunicativa de grau negativo e opositivo, também resulta de um processo de reciclagem linguística, dado que muitos indivíduos reciclam termos já estabelecidos na língua e conferem um novo sentido semântico-pragmático, visando satisfazer suas pretensões discursivas.

Além disso, convém elencar que essa pesquisa se utilizou, como fundamentação teórica, de estudos de renomados autores, como Martelotta e Areas (2003), Rosário (2022), Bybee (2010), Givón (1995) e Oliveira (2020), que investigam a língua a partir de um paradigma funcional, o qual constata que a estrutura linguística, no que tange à sua maleabilidade, decorre

de demandas expressivas de comunicação dos falantes, ou seja, sofre influências provenientes de interações sociocomunicativas.

Portanto, é mister ressaltar que a análise do item “confia” contribui, no que concerne aos estudos da linguagem, para a ampliação e compreensão a respeito da flexibilidade e da adaptabilidade da língua, demonstrando que essa estrutura sofre alterações motivadas pelo uso, sobretudo no panorama da negação. Ademais, ressalta-se que o estudo da forma “confia”, como mecanismo não canônico de negação, reforça, quanto aos estudos linguísticos, a concepção de que os falantes, mediante à sua expressividade comunicativa, recrutam e reproduzem expressões já existentes a fim de atender, em interações linguísticas, principalmente em redes digitais, propósitos discursivos, aspecto que legitima a correlação entre língua e discurso.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Irna Moraes. **Formas de negação não canônicas nas construções [nem x], [nem em], [nem que] e [nem se]**. Orientador: Robson Borges Rua. 20 f. TCC (trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.

BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito; SOUZA, Maria Medianeira de (Orgs). *Morto de inveja: a construção [X de (Adv) Y]*. In: **Pesquisas Funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso: uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha**. Natal/RN: EDUFRN, 2021. p. 196-197.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2024.

BYBEE, Joan. **Language usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

FERRAREZI JR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. *Pressupostos teóricos fundamentais*. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterda: John Benjamins, 1995.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios

de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Maria. Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem. **Roseta**, v. 3, n. 1, 2020.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Linguística funcional norte-americana: gramaticalização e lexicalização, reanálise e analogia. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

PORTO Editora. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: 2013.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

SILVA, M. F. S. **Análise da expressão “nem fodendo”**: uma perspectiva da linguística funcional centrada no uso. Orientador: Robson Borges Rua. 31 f. TCC (trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.

VIANA, Danielle de Melo. **O uso de quantificadores na modalidade oral no município de Oeiras do Pará**: uma abordagem funcionalista. Monografia, Faculdade de Linguagem. Universidade Federal do Pará, Oeiras do Pará, 2020.